

A CONSTITUIÇÃO FEMINISTA DAS PERSONAGENS *CELIE E PRECIOSA*

Rafael Praciél Costa
rafael_praciél@hotmail.com

Resumo: Com este trabalho, pretendo apresentar a construção das personagens Preciosa da obra *Preciosa* (2010), Sapphire, e Celie da obra epistolar *El Color Púrpura* (1987), Alice Walker, no contexto americano do começo do século XX e meados da década de 1980 para verificar a constituição de suas identidades. Para isso utilizarei o conceito de sujeito pós-moderno de Stuart Hall (2006), de entre-lugar de Silviano Santiago (1976) e a noção do silenciamento vivido pelas personagens. Mostrarei como as personagens em análise se encaixam nas descrições dos descentramentos destacados por Hall, como se estabelece o entre-lugar no relacionamento homoafetivo de Celie e de que maneira o silenciamento é parte essencial para entender a negação das personagens como sujeitos-femininos subalternos e como isso significa no que tange ao desprendimento desse posicionamento para o de mulheres que passam por um processo de ganho de voz, influenciadas por outras personagens do enredo. Dessa maneira, veremos no decorrer da análise e, mais adiante, na conclusão, como Celie e Preciosa passam do estado de mulheres subalternas para o de feministas.

Palavras-chave: Pós-modernidade; Feminismo; Entre-lugar; El Color Púrpura; Preciosa

Introdução

Este trabalho está organizado em três partes. Na primeira, falar-se-á um pouco sobre as obras estudadas: *Preciosa* (originalmente *Push*, em inglês) bem como da autora Sapphire; sobre a obra *El Color Púrpura* (originalmente *Color Purple*) e da autora Alice Walker; na segunda parte, far-se-á uma discussão sobre o entre-lugar das homoafetividades e o silenciamento das personagens; e na terceira parte far-se-á uma abordagem das personagens Celie e Preciosa a partir dos pressupostos teóricos de Stuart Hall em sua obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2006).

Para começar, partimos para a apresentação de *Preciosa*.

A autora Sapphire é uma poetisa e artista performática nascida na Califórnia, em 4 de agosto de 1950. Tem várias publicações em verso e *Push* é seu único livro de ficção. Para este trabalho utilizo uma versão traduzida para o português intitulada *Preciosa* de 2010 (tradução de *Push*, 1996).

A história conta a vida de uma garota obesa, negra que sofre abusos sexuais da mãe, tem um filho do pai e está grávida de outro, também dele. É agredida pela mãe constantemente, sofre todo tipo de preconceito na escola e, por ser adolescente-problema, é convidada a participar da Escola Alternativa Cada-um-ensina-cada-um em que a personagem Miss Rain, sua professora, aos poucos consegue conquistá-la e

ganhar sua confiança. No grupo de estudantes com a qual convive nas aulas especiais, conhece pessoas com problemas sérios com os quais a professora ajuda a expressá-los num diário. Mal sabem ler, mas o processo se dá vagarosamente, até conseguirem se expressar no papel. A história é narrada em primeira pessoa, como se fosse o próprio diário de Preciosa. É escrito na linguagem coloquial, sem preocupações com normas gramaticais. É um registro essencialmente ligado à fala, mas com sentidos completos e pontuações exatas.

A autora de *El Color Púrpura*, Alice Walker, nasceu em Eatonton, Georgia, 9 de fevereiro de 1944, é ganhadora do prêmio Pulitzer para ficção em 1983 por seu livro aqui proposto em análise, *El Color Púrpura*, publicado em 1982, versão traduzida para o espanhol que utilizaremos para esta análise. Alice cresceu pobre, sua mãe teve que trabalhar como empregada para ajudar nas despesas da casa e quando pequena sofreu um acidente no olho. Por conta disso, a autora diz que por muito tempo se achou feia e desfigurada e isso a fez tímida e retraída.

O romance conta a história de uma mulher que durante a adolescência foi abusada pelo pai e teve dois filhos com ele. A mãe, que estava doente enquanto os abusos ocorreram, acabou morrendo. A personagem principal, Celie, é entregue a Albert, seu marido, a quem a narradora chama de Mr.____ (em tradução para o português, algo como “Sinhô”), pai viúvo de três crianças a quem Celie é obrigada a cuidar, como madrasta. Sua irmã, ao ser ameaçada pelo pai de ser abusada, foge de casa e vai morar com ela. Mr.____ tenta fazer sexo com a menina que o agride e foge. Ele a expulsa e as duas prometem se corresponderem por cartas, mas Mr.____ não permite e esconde todas as cartas, sem que Celie saiba, por anos. Ela continua escrevendo mesmo sem ser correspondida. O romance se concentra necessariamente nas cartas de Celie e depois na chegada de Shug Avery, mulher que muda a vida da protagonista e cujo relacionamento exploraremos mais adiante.

Considero importante uma contextualização biográfica das autoras para que se estabeleça uma ligação entre as denúncias que as protagonistas das obras fazem e a vida das autoras, para que se entendam as razões histórico-sociais que influenciaram a composição de ambas as obras.

Um compartimento aberto muito recente na literatura americana e que não se poderá mais fechar é o reservado ao autor negro. Indivíduos de sua raça já haviam configurado como personagens, mas agora já se faz ouvir a voz da raça, seu sentir, seu pensar e as queixas acumuladas e não externadas. O talento dos escritores e poetas negros está rompendo o silêncio de séculos. (NABUCO, 2000, p. 269-270 *apud* SIQUEIRA, 2011, p. 3).

As reflexões feitas neste artigo ajudam a compreender ainda mais o advento dos escritores negros americanos, como as duas aqui estudadas, e as reivindicações que fazem implicitamente, discursos políticos produzidos dentro do universo literário.

Walker, Sapphire e suas narradoras

As personagens sofrem abuso incestuoso dos pais e têm, ambas, dois filhos dos mesmos. Os contextos são bem diferentes: *Preciosa* se passa numa área urbana, Nova York, em meados dos anos de 1980 e *El Color Púrpura* no começo do século XX numa área rural.

As protagonistas são ambas negras e, além disso, têm outra característica que as envergonha: Celie é feia: “Es fea, decía él [seu pai], pero sabe trabajar. Y es limpia. Además, Dios la ha arreglado. Ya puedes hacerle lo que quieras, que no tendrás que vestirlo ni darle de comer¹” (WALKER, 1987, p. 15-16); e Preciosa é obesa: “Ouço a garotada na escola. Um garoto dizendo que eu sô feia de rir. Ele diz: - Claireece é feia de rir. (...) O amigo dele diz: - Não, essa puta gorda é feia de chorar²!” (SAPPHIRE, 2010, p. 21). As duas sofrem muito com essas duas características. Preciosa se imagina uma dançarina de sucesso “Umm hmm, abrindo pro show do Doug E. Fresh ou A1 B. Shure no Apollo. Eles me adora! Diz que sou uma das melhor dançarina, unanidade” (idem, p. 35). Celie, na primeira vez que encontra Shug Avery, amante de seu marido recebida em sua casa, alcoolizada e doente, passa por uma cena de grande vergonha quando Shug Avery ri de seu rosto e a chama de feia. A personagem se coloca a todo momento numa posição inferior diante dos outros personagens e diferentemente de Preciosa, não tenta se impor a ninguém. No entanto, Preciosa raramente verbaliza o que sente. O repúdio e ódio pelas personagens da trama (principalmente femininas) só é percebido quando a narradora-personagem expressa o que sente: “Minha mão escorrega pra dentro da água da pia, pega a faca de cortar carne. É melhor ela [a mãe] não me bater, não tô mentindo! Se ela me bater, eu furo ela, furo mesmo!” (SAPPHIRE, 2010, p. 23).

O grau de subalternidade é excessivo, a ponto de a personagem não se enxergar, pensar não existir:

Quero falar que eu sô alguém. Quero falar isso no metrô, na TV; no cinema, ALTO. Vejo as cara cor de rosa de terno olhando por cima da minha cabeça.

¹ “É feia, dizia ele, mas sabe trabalhar. E é limpa. Além disso, Deus já deu um jeito nela. Pode fazer o que quiser com ela, que não precisará vestir ou dar de comer a outra criança” (tradução minha).

Este é o episódio em que Albert (Mr._____) vai propor casamento à irmã de Celie, a quem o pai nega e pede que leve a Celie.

² A escrita da narradora apresenta muitas marcas da oralidade. Não marcamos com “sic” os desvios gramaticais e ortográficos por serem muitos e, assim, evitamos poluição visual no texto.

Vejo eu desaparecer nos olho deles, nas prova deles. Falo alto, mas mesmo assim eu não existo. (SAPPHIRE, 2010, p. 42).

Quando é abusada por seu pai, ela, assim como Celie, trata de se desligar e pensar em outras coisas, criando sua própria existência, seu próprio mundo:

Vai se acostumando, ele ri, você tá acostumada com ele. Caio de costas na cama, ele cai em cima de mim. Então mudo de estação, mudo de *corpo*, tô dançando nos videoclipe! Nos filme! Danço break, *voó*, só dançando. [...] Vou casar com você – ele tá dizendo. – Anda, neguinha, cala a boca! Ele confunde fala de sonho com gemido. Primeiro estraga minha vida toda me comendo, depois confunde a porra das fala (SAPPHIRE, 2010, p. 35).

Após esta breve análise da condição subalterna das personagens, passemos agora à noção de “entre-lugar”, conceito cunhado por Silviano Santiago e que trazemos aqui para explorar a relação homoafetivas vivida por Celie e o deslocamento espacial e ideológico vivido por Preciosa.

O entre-lugar e o silenciamento

“O entre-lugar é o espaço político e existencial, local e transnacional, de afetos e memórias” (LOPES, 2008, p. 947).

Para Silviano Santiago, o entre-lugar não tem uma noção geográfica, mas uma noção cultural, identitária e ideológica. Sendo assim, é um processo de grandes movimentos migratórios dentro do espaço social onde existe uma demarcação, principalmente dos olhares periféricos. As personagens Celie e Preciosa são analisadas através do conceito de entre-lugar justamente por refletirem a não espacialidade fixa das personagens nas esferas exploradas nas narrativas, ou seja, são sujeitos que se constituem na relação com o outro, mas que não estabelecem uma posição dentro de uma mesma ordem de discurso das personagens das narrativas, mas sim num entre-lugar.

Denílson Lopes (2001) faz uma leitura do conceito de “entre-lugar” de Silviano Santiago no contexto das relações homoafetivas. Segundo o autor, “O entre-lugar das homoafetividades está entre identidades, entre homo e heterossexualidades, implica repensar as masculinidades para além de uma homosociabilidade homofóbica” (LOPES, 2001, p. 46). No artigo “O entre-lugar das homoafetividades”, o autor destaca personagens masculinos de contos de Caio Fernando Abreu, Silviano Santiago e Alexandre Ribondi e analisa-os a partir da perspectiva do entre-lugar.

Sobre relações homoafetivas, encontramos em *El Color Púrpura* a relação de Celie com Shug Avery. Diríamos que a noção do entre-lugar se aplicaria numa leitura mais abrangente do conceito, em que o relacionamento das duas, bem como todos os

relacionamentos homoafetivos da época (até hoje, mas com menos rigor), estaria no entremeio do que é socialmente aceitável e do que não é. Concluimos isso justamente porque a relação das duas personagens é possível, acontece e não é condenável (não do ponto de vista de ações contra o relacionamento que estabelecem).

O que mostra a afirmação dessas personagens como feministas no romance é justamente essa inversão do posicionamento discursivo subalterno para o de mulher que impõe seus direitos e suas vontades. De certa forma, o fato de Celie e Avery se envolverem homoafetivamente, conceder-lhes-ia maior desafio visto que somam ao fato de serem mulheres e negras a condição de serem homossexuais, aumentando as possibilidades de discriminação.

[...] nós, homossexuais, invisíveis e/ou indesejáveis, obviamente não chegamos sequer a ser símbolos nacionais e muito menos agentes, fomos e somos excluídos de espaços legítimos de reprodutibilidade e socialização, marcados pela falta de legitimidade de famílias gays com filhos e pela dificuldade de estabelecimento de modelos sociais alternativos intergeracionais de forma estável (LOPES, 2008, p. 949).

Pode-se considerar, portanto, que Alice Walker cria as personagens para fazer essa denúncia ao preconceito de cor, gênero e orientação sexual, trazendo-as num contexto muito mais propenso a essas discriminações, o de meados das décadas de 1930-1940.

Também é a partir do entre-lugar que podemos incluir a experiência gay neste redimensionamento da nação [...], tratando sua invisibilidade histórica não só como repressão mas ambígua resistência a partir de uma afetividade entre homens como lugar de fala sobre o mundo (LOPES, s/a, p. 4).

O que Lopes fala sobre os relacionamentos homoafetivos entre homens, também podemos considerar sobre os entre mulheres. Pode-se dizer que há uma transcendência do discurso literário para o discurso político viabilizado pela própria autora da obra. Isso se torna mais tangível a partir do momento em que, em estudo sobre a biografia de Alice Walker, verificou-se que ela é ativista dos direitos das mulheres e isso, de certa forma, é refletido em *El Color Púrpura*.

O entre-lugar em *Preciosa* se dá no deslocamento que a protagonista faz ao sair da sua escola e passar para a Escola Alternativa Cada-um-ensina-cada-um, onde o processo de inclusão da personagem se dá de forma muito difícil justamente porque ela não se sente parte daquele lugar. O não pertencimento, o entre-lugar, é o que nega à

personagem a possibilidade de se sentir parte do grupo dos estudantes com dificuldade de aprendizagem na nova escola.

Além da homossexualidade (de Celie) e de serem mulheres, o fato de ambas protagonistas serem negras, é tratado de forma muito peculiar nas obras. Para Lopes (s/a, p. 3) “A partir do entre-lugar, podemos também entender que a exclusão do índio e do negro, no plano nacional, se traduz também em um voltar às costas eurocêntrico para a África e para a América Hispânica”. Isso acontece tanto no contexto brasileiro de constituição de uma nação multicultural quanto nos Estados Unidos, contexto em que os enredos se desenvolvem.

No que condiz à visão da personagem negra e mulher, é muito visível o silenciamento pelo qual as personagens se caracterizam: “a mulher, que é negra, não tem voz”. Isso é importante de se considerar no que tange à constituição das personagens enquanto subalternas e dependentes. Ambas foram abusadas e tiveram dois filhos dos próprios pais e este é o grande fato motivador da trama trágica de ambas personagens, como um fato fundador dos enredos. O que acontece com ambas personagens é que elas se entregam ao silenciamento. Segundo Bertolucci (1997, p. 148), em resenha a Orlandi, *As formas do silêncio*, “o sentido se faz em todas as direções, e não numa linha reta. É o silêncio que preside essa possibilidade, porque quanto mais falta, mais possibilidade de sentidos existe”.

Esse silenciamento é o que, de certa forma, mais significa nas obras, pois impede que as protagonistas atuem como sujeitos. Em *Preciosa*, a protagonista quebra o silêncio enquanto narradora, e somente algumas vezes se rebela enquanto personagem, mas quando se trata da sexualidade, cala-se: “Sinto vontade de gritar: ah, cala a boca! E aí, crioulo, como é que você vai casar comigo se é o meu pai. Eu sou sua filha, me comer é ilegal. Mas fico de boca fechada pra que a foda não vire uma surra” (SAPPHIRE, 2010, p. 35).

O silenciamento ocorre principalmente pelo fato de as personagens serem mulheres. A respeito disso, Bourdieu aborda que ordem social funciona como “uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça”. (BOURDIEU, 2010, p. 18 *apud* LIEBIG, 2012, p. 7). O machismo/patriarcalismo operante na sociedade retratada nos romances e muito semelhante ao que acontece na sociedade atual, é vigente porque há forças simbólicas que atestam a posição do homem como superior à mulher. Para que ocorresse um despreendimento desse silenciamento, foram mobilizadas duas personagens: Miss Rain, professora de *Preciosa*, e Shug Avery, amante de Celie. As duas marcam a retomada da

vida de Celie e Preciosa e um novo posicionamento das personagens no enredo: Preciosa aprende a ouvir e Celie, que era totalmente calada, aprende a falar.

Sabendo-se capaz de amar e ser amada, de sentir e de dar prazer, Celie supera a timidez, o silêncio e a apatia, transformando a sua agonia anterior em espírito empreendedor e no sucesso financeiro que vem com a maturidade. Preciosa, por seu turno, supera a aversão pelo convívio social, passa a crer no amor desinteressado dos amigos, de outras pessoas que a rodeiam e da professora Rain (LIEBIG, 2012, p. 18-19).

Outra personagem de *El Color Púrpura* muito característica no que tange ao ganho de voz feminina³ é Sophia, mulher casada com o genro de Celie. Ela é uma mulher forte (em termos de posicionamento familiar) que espanca o marido quando ele não se comporta e chega a bater em uma mulher branca e rica por tratá-la mal na rua. Depois desse episódio, Sophia é agredida fortemente e é levada presa. Sua identidade de mulher forte que se impõe a todos é perdida. Age com medo e represália a partir de então.

Antes de passarmos à análise das personagens pelo viés do sujeito pós-moderno de Stuart Hall, é interessante destacar que tanto Celie quanto Preciosa são narradoras do romance. Celie comendo as cartas e Preciosa escrevendo em seu diário. Perceba-se também que esses dois movimentos não acontecem numa ordem: Celie relata coisas que aconteceram antes de aprender a ler e escrever, bem como Preciosa, o que lhes dá um caráter memorialístico das obras. Passemos agora à análise das obras numa perspectiva do sujeito pós-moderno.

O sujeito pós-moderno

Stuart Hall destaca que a tarefa de mapear a história da noção de sujeito moderno é muito difícil, já que dizer que as identidades ora eram unificadas e coerentes e hoje descentradas é uma visão muito simplista e reducionista do termo. E acredito, errônea. Na medida em que os meios de comunicação e do desenvolvimento da tecnologia avançaram, somadas aos meios multifacetados e às diversas atividades do sujeito, a tendência é de essas identidades descentrarem-se exponencialmente. No entanto, não se pode afirmar que não houvera múltiplas identidades antes. Ou talvez o sujeito não tinha essa consciência.

³ É importante destacar que várias personagens femininas começam a ganhar voz dentro dos romances. Mas para reservar uma certa unidade, proponho somente a análise das protagonistas, nas quais é possível ver essa mudança de maneira mais eficaz.

Sobre as várias identidades em *El Color Púrpura*, poderíamos dizer que a negação própria da personagem Celie dificulta a emergência de outras identidades. A partir do momento em que há um fato movimentador dentro da narrativa que muda a perspectiva da personagem, esta fragmenta-se. As posições esposa, irmã e madrastra são somadas à posição de amante quando Shug Avery se junta à Celie. Shug Avery seria uma espécie de fundadora de identidades em Celie.

Em *Preciosa*, as identidades, ao contrário, são bem emergentes, mas caladas. Preciosa ora ou outra vê-se famosa, rica e amada por fãs e tendo um amante. Ao contrário de Celie, Preciosa mostra a necessidade de mudança e a emergência de outras identidades.

É no Humanismo Renascentista e no Iluminismo que se podem encontrar raízes da modernidade; movimentos que estruturaram o sistema social predominante hoje. Hall destaca Raymond Williams, um dos principais introdutores dos estudos culturais na Inglaterra, que observa dois significados distintos do sujeito individual, o “indivisível”, uma entidade unificada, e uma “singular, distintiva e única”, forma de pensamento que encontra origens na Reforma e no Protestantismo. A isso pensamos Celie e Preciosa como centradas, digo, numa única posição independente das outras: há algo que as representa. Neste caso, a partir das identidades apresentadas, verificamos que, a esse respeito, as protagonistas representam a mulher negra, americana, subalterna.

Voltando à noção de inversão de posições acima retratada, verificamos, então, que há um silenciamento: Celie ganha voz e é a personagem que representa a mulher no começo do século XX em que as lutas pelos direitos da mulher não eram tão evidentes quanto em meados dos anos 80, contexto vivido por Preciosa. Estariam as autoras, então, atestando que há um silenciamento implícito no discurso da mulher? Numa análise simplista diria que sim. No entanto, cabe destacar que há personagens, como a própria professora de Preciosa, que mantêm relacionamento homossexual e representam uma mulher de voz que luta pelos direitos de suas alunas terem voz, o que é característico da constituição da mulher feminista dos anos 80. Diria, portanto, que há um advento pela necessidade de voz da mulher. Celie seria um começo e Preciosa seria o resultado dessa constituição histórica do reposicionamento da mulher na sociedade, uma mistura de repressão asseverada e explosão discursiva ao mesmo tempo: a mulher que tem voz, mas que ainda é repreendida.

Hall cita Foucault e Locke para pensar a constituição do sujeito e mostra que, com a advento da industrialização, o sujeito torna-se mais social. Segue dizendo que dois eventos são sustentadores na formação da sociedade moderna: a biologia darwiniana e o surgimento das novas ciências sociais. De certa forma, embora não tão fortemente, as personagens aqui analisadas são resultado (produto ou processo) desse sujeito pós-moderno. Obviamente seria importante considerar graus de socialização: as personagens aqui analisadas não apresentam níveis grandes de socialização; pelo contrário, estão presas às suas próprias famílias. Celie porque, num contexto rural, não tem nem possibilidades reais de envolvimento com um número grande de pessoas (a não ser o período em que está na cidade, mas mesmo assim não há grande envolvimento) e Preciosa porque o grande meio em que está inserida é a escola, embora não haja abertura por parte da personagem para participação desse meio.

Em sua teoria sobre o sujeito pós-moderno, Hall destaca 5 descentramentos como responsáveis pela constituição desse sujeito. Um deles está ligado ao trabalho de Michel Foucault (o quarto descentramento). De maneira geral, Hall destaca da teoria de Foucault, a que chama de uma espécie de genealogia do sujeito moderno, o conceito de “poder disciplinar”. Este poder está preocupado com a regulação e vigilância da espécie humana, suas populações e em outra instância preocupado com o indivíduo e o corpo. O poder disciplinar consistiria em manter todas as atividades sociais do ser humano num devido controle, regulamentadas com base “no poder dos regimes administrativos, do conhecimento especializado dos profissionais e no conhecimento fornecido pelas disciplinas das Ciências Sociais” (p. 42). As personagens Celie e Preciosa estariam, portanto, submetidas a esse poder disciplinar. E é interessante notar como isso se dá em contextos tão diferentes. Há, além da posição dos próprios personagens homens responsáveis pelas agressões, um poder disciplinar disseminado na sociedade como um todo. O discurso machista imperante na época (e até hoje, mas em menor grau, diríamos) seria o poder regulador da estrutura social: o que não deixa a mulher ter voz para rebater às injustiças de gênero.

O segundo descentramento, dos cinco que Hall apresenta, está relacionado à descoberta do inconsciente por Freud. A ideia de que as identidades, sexualidade e estrutura dos desejos estão relacionadas e processadas a partir do inconsciente, quebra com o conceito de sujeito cognoscente e racional, do sujeito cartesiano, do “penso, logo

existo”. Hall destaca que esse aspecto do trabalho de Freud tem influenciado em grande parte a do pensamento moderno das últimas décadas. No que Lacan, pensador analítico de Freud, pensa como “a fase do espelho”, a criança não tem ainda uma autoimagem e se tende a ver no outro a “pessoa inteira” (Lacan, 1977 apud Hall, 2000, p. 37). Hall destaca em Lacan a noção do “olhar” do outro em que se inicia a relação do sujeito em formação, criança, com os sistemas simbólicos que inclui língua, cultura e diferença sexual. Essa fase é muito importante na construção da personagem Celie. Ela quer vestir-se, maquiarse e comportar-se como Shug Avery. Embora num reconhecimento acanhado, há em Celie uma necessidade de reconhecer-se na alteridade. A personagem age exatamente como criança, apresentando uma posição inocente e como se estivesse vazia de si, pronta para completar-se do outro, exatamente como um espelho faz: “Me miro desnuda al espejo. ¿Qué podía querer?, me pregunto. El pelo, corto y encrespado, porque, desde que Shug me dijo que le gustaba así, dejé de alisármelo. La piel, oscura. La nariz, como tantas. Los labios, unos labios. El cuerpo, acusando la edad como el de cualquiera. Nada especial.”⁴ (WALKER, 1982, 224). Já no que concerne à Preciosa, não parece haver essa necessidade. Em comparação, Celie parece estar muito mais em processo de construção identitária do que Preciosa. Esta parece saber já o que quer ao projetar-se como artista, famosa, etc., mas não reconhece isso necessariamente na sua professora, grande propulsora de seu reposicionamento discursivo, como acontece com Celie. Preciosa parece ser muito mais convicta do que quer e a autora não parece dar pistas do porquê Preciosa gostaria de ser famosa, embora por uma reconstituição sócio-histórica, diríamos que nos anos de 1980 (até hoje) é muito comum as adolescentes almejem a fama, riqueza e glamour como a personagem deseja.

Outro descentramento refere-se às tradições do pensamento marxista de que homens fazem a história, mas apenas sob as condições que lhe são dadas em que se interpreta que o sujeito não pode ser autor, e quando o é, a estrutura e contexto sócio-histórico em que está inserido, o conjunto de acontecimentos, condicionaram-no a pensar da forma como pensa ou agir da forma como age. Desta noção, Hall destaca que Marx deslocou duas proposições-chave da filosofia moderna: de que há essência universal do homem e de que ela é atributo da singularidade de cada indivíduo. A essa questão, destaco o conceito de entre-lugar de Silviano Santiago (1978), analisado anteriormente, que, analogicamente, assemelhar-se-ia à noção da constituição

⁴ Me olho nua no espelho. O que poderia querer?, me pergunto. O cabelo, curto e encrespado, porque, desde que Shug me disse que gostava assim, deixei de alisá-lo. A pele, escura. O nariz, como tantos. Os lábios, uns lábios. O corpo, acusando a idade como o de qualquer. Nada especial (tradução minha).

ideológica do sujeito como não sendo nem singular nem coletiva, mas uma mescla dos dois, constituindo não um terceiro, mas um todo homogêneo, que é ao mesmo tempo heterogêneo. As personagens, ao mesmo tempo que apresentam uma singularidade, essa corresponde a uma coletividade discursiva: a constituição identitária de Celie é resultado de um todo coletivo. Portanto, segundo a teoria de Marx, Celie não se rebela e muda de posicionamento porque isso é responsável pela sua singularidade, mas que essa singularidade e esse reposicionamento é resultante da sociedade: Celie é produto das inter-relações sociais (mesmo que poucas) das quais participa. O mesmo vale para Shug Avery, filha de pastor que se torna cantora de cabarés ou para a professora de Preciosa, que mantém um relacionamento homoafetivo: não é resultante de um posicionamento seu mas, diríamos, das lutas feministas e reconhecimento da mulher, mesmo que ainda vivendo num ambiente muito propício à discriminação.

Para terminar, o quinto descentramento apresentado por Hall está relacionado ao impacto do feminismo como crítica teórica e movimento social. Junto a ele, todos os movimentos sociais que emergiram desde os anos 60 constituíram o que Stuart Hall chama de política da identidade, visto que os grupos (feministas que lutam pelas mulheres, gays que lutam pelas políticas sexuais, negros que lutam contra o racismo) constituem grupos identitários muito fortes na constituição e afirmação de identidades. No entanto, seu destaque é maior ao feminismo justamente por ser um movimento (ou crítica teórica, como bem observou no começo deste tópico) que pensa diretamente o pessoal e o político, pensa e abarca os outros movimentos sociais (principalmente o LGBT, pensando-o num contexto brasileiro), questionando a formação das identidades sociais e, de uma maneira mais importante e impactante, instaura a visão de homens e mulheres como seres humanos, quebrando a noção de diferença sexual, estabelecendo um grau de equivalência/igualdade. Aqui talvez tenhamos o ponto mais fundamental para justificar a existência das duas obras. Embora remetam a diferentes contextos, os textos são escritos na década de 1980 e 1990; e é 1975 o ano que é citado como aquele em que os grupos feministas ressurgiram nos centros urbanos (SOARES, 1994, p. 14). Haveria, então, uma projeção das autoras, ativistas dos direitos das mulheres, às personagens. Embora seja caro (e quase impossível) falar sobre intencionalidade, é importante destacar que em meio ao advento do movimento feminista, as obras surgem como discursos afirmadores da revisão do posicionamento da mulher na sociedade. As personagens mulheres retratadas no enredo serviriam como agentes/ativistas ficcionais

na consolidação e fortalecimento do movimento feminista nos Estados Unidos e, devido à sua projeção (de ambas obras) na América como um todo.

Considerações finais

Verificamos a constituição das personagens como resultado de um processo sócio-histórico-discursivo de vivência das próprias autoras e que isso se deve aos fatos apresentados por Hall para justificar de forma simplista, como ele bem destaca no começo de seu texto, a constituição do sujeito pós-moderno. Diríamos que a pós-modernidade é um processo, não resultado, e que é possível, como tentei identificar, traços que aparecem historicamente marcados como construção desse sujeito.

As autoras se utilizam das vozes de suas narradoras (as criam) para dar voz a si mesmas. Denunciam o abuso, a exploração e a discriminação através do discurso literário. As personagens se constituem como feministas a partir do momento em que negam a necessidade de dependência do homem e o porquê de sua soberania: “Es imposible leer la Biblia sin imaginar a Dios blanco, dice Shug. Luego, suspira. Cuando yo descubrí que imaginaba que Dios era **blanco** y **hombre** perdí el interés⁵”. (WALKER, 1987, p. 172, grifos meus). Em *Preciosa*: “Mas quando eu penso nisso fico mais inclinada a ir atrás da Shug em *A cor púrpura*. Deus não é branco, não é judeu nem muçulmano, talvez nem seja preto, talvez nem seja um ‘ele’” (SAPPHIRE, 2010, p. 157, grifos da autora). Verificamos, portanto, que há um reposicionamento das personagens diante da supremacia masculina ao questionarem a existência de Deus como entidade homem.

A partir disso também percebemos que *Preciosa* é uma releitura de *El Color Púrpura* no sentido de que traz praticamente as mesmas problemáticas dentro do enredo, explorando a vida da personagem mulher, negra, discriminada pela aparência e vítima de abuso incestuoso do contexto rural dos Estados Unidos entre as décadas de 1930 e 1940 para o contexto urbano, nova-iorquino, em meados da década de 1980.

Consideramos, a partir das análises dos conceitos de entre-lugar, silenciamento e sujeito pós-moderno, o nascimento de sujeitos feministas que denunciam as problemáticas vividas por mulheres no século XX que, na voz das personagens, passam de um discurso literário a um discurso político de discussão do papel da mulher na sociedade.

⁵ É impossível ler a Bíblia sem imaginar a Deus branco, diz Shug. Logo, suspira. Quando eu descobri que imaginava que Deus era branco e homem perdi o interesse” (tradução minha).

Referências

- BERTOLUCCI, Cely. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 3. 1997. Resenha do texto: Orlandi, Eni Pulcinelli. As formas do silêncio - no movimento dos sentidos. Campinas, S. R: Editora da Unicamp, 1995, 189 págs.
- HALL, Stuart. Nascimento e morte do sujeito moderno. In: *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- LIEBIG, Sueli Meira. *A cor púrpura e Preciosa*: histórias de rendição, rejeição e redenção. Tabuleiro de Letras, n. 4, jun de 2012. p. 1-19.
- LOPES, Denílson. *O entre-lugar das homoafetividades*. Ipotesi, revista de estudos literários Juiz de Fora, v. 5, n. 1 p. 37 a 48. jul-dez 2001.
- _____. *Do entre-lugar ao transcultural*. Disponível em <http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/dlopes01.pdf>. Acesso 17/dez/14
- _____. *Silviano Santiago, estudos culturais e estudos LGBTs no Brasil*. Revista Iberoamericana, Vol. LXXIV, Núm. 225, Outubro-Diciembre 2008, 943-957
- SANTIAGO, Silviano. O Entre-lugar do Discurso Latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- SAPPHIRE. *Preciosa*. Tradução Alves Calado – Rio de Janeiro: Record, 2010.
- SIQUEIRA, Kárpio Marcio de. *A construção da identidade feminina negra: o percurso identitário de Alice Walker em “A cor púrpura”*. Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Centro de Convenções da Bahia, Salvador - BA. p. 1-13, 2011.
- SOARES, Vera. Movimento Feminista. *Revista Estudos Feministas*. n. especial/2º sem./94 - Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec.
- WALKER, Alice. *El color púrpura*. Ediciones Orbis: Barcelona, 1987.